

“VIDA LOKA”: ESTILO DE VIDA E VULNERABILIDADE À VIOLÊNCIA E AO ABUSO DE DROGAS ENTRE JOVENS LGBT EM SITUAÇÃO DE RUA

Marcos Roberto Vieira Garcia¹

Fernanda Maria Munhoz Salgado²

Vera Sílvia Facciola Paiva³

Ana Carolina Simionato Costa⁴

Bianca Thais Manzari Pascoal⁵

Resumo

O presente trabalho visa discutir alguns temas relacionados à vivência de jovens LGBT em situação de rua, a partir de pesquisa de campo realizada na cidade de São Paulo. Por meio da análise da trajetória de vida de três destes jovens, busca refletir sobre o estilo de vida que levam e o aumento da vulnerabilidade ao abuso de drogas e à violência. A homofobia na família de origem, na escola e nos ambientes de trabalho revelou-se como elemento comum na vida destes jovens e facilitadora para o fato de estarem nas ruas. A análise de suas trajetórias mostrou um padrão de vida centrado na vida noturna, com moradia incerta e por vivências afetivas e sexuais não-monogâmicas, inverso, portanto, ao padrão típico da vida burguesa. Embora mostrem um rompimento com os padrões de normalidade sancionados, suas experiências, vividas sob a marca do estigma associado à homossexualidade e denominadas em seu conjunto por uma das pesquisadas de “vida loka”, acabam por gerar um aumento da vulnerabilidade citada. O intenso uso de drogas, especialmente crack, o recurso às relações sexuais como forma de sobrevivência e a vida nas ruas, com suas formas de violência corriqueiras, constituem um cenário que leva a uma dificuldade cada vez maior de vínculos com as instituições escolares, com o trabalho formal e com a família, fechando-se o círculo de exclusão sobre estes jovens.

¹ Doutor em Psicologia Social (USP); Professor da UFSCAR - campus Sorocaba, pesquisador do NEPAIDS

² Mestranda em Psicologia Social (PUC-SP), bolsista pela CAPES

³ Profa Livre-Docente do IPUSP, coordenadora do NEPAIDS

⁴ Aluna de graduação em Psicologia (USP), bolsista de iniciação científica (PIBIC-USP)

⁵ Aluna de graduação em Psicologia (USP)

Introdução - população em situação de rua, juventudes e orientação sexual

O decreto 7053/2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, define esta como:

“o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.” (Brasil, 2009)

Observa-se nesta definição oficial, a incorporação de uma noção de heterogeneidade da população de rua, idéia que vem sendo reforçada por diversos estudos⁶. Ao lado da figura emblemática do migrante com baixa escolaridade, na faixa dos 30 ou 40 anos, com ocupação precária ou desempregado, com poucos vínculos com a família de origem e muitas vezes dependente do álcool, outros personagens passaram a ser “destacados” em estudos específicos, como é o caso das mulheres em situação de rua⁷. Há, no entanto, alguns segmentos que vem sendo negligenciados por estes estudos quanto a suas características específicas, como é o caso dos jovens adultos.

Se considerarmos as diferenças de idade, percebe-se que há um contingente significativo de jovens adultos que compõem a população de rua. A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (META, 2008) estima que 16,2 % desta população de rua é constituída por jovens de 18 a 24 anos. Na literatura internacional, contudo, há um número significativo de estudos sobre estes temas, em especial nos Estados Unidos. Os estudos disponíveis⁸ sobre a categoria que os norte-americanos

⁶ Varanda e Adorno (2004) discutem, a esse respeito, a divisão êmica entre “trecheiros”, utilizado no Brasil para designar trabalhadores temporários que se deslocam de uma cidade a outra em busca de trabalho, e “pardais”, que são os que se fixam na rua e não trabalham. Vieira *et al.* (1992) identificaram diferenças baseadas no tempo e constância em relação ao dormir na rua, que configuram três tipos de condição: o “ficar na rua”, o “estar na rua” e o “ser da rua” (p. 92-5). O ficar na rua evidencia uma condição circunstancial de pessoas que não tem recursos para pagar por pensões e não conseguem vaga em albergues. O “estar na rua” refere-se à situação daqueles que estão recentemente utilizando a rua como local de moradia. O “ser da rua”, por sua vez, é a condição de quem já vive há um tempo considerável na rua, passando por um processo de desgaste físico e mental em função da má alimentação, das condições de higiene precárias e pelo uso constante do álcool.

⁷ A menor proporção de mulheres em situação de rua em comparação com os homens é relacionada por Escorel (1999) à maior proteção familiar direcionada às mulheres, à possibilidade do emprego doméstico e à maior possibilidade culturalmente sancionada de recurso ao amparo familiar em uma situação de crise financeira. Embora minoritárias, contudo, estas mulheres são enfocadas em alguns estudos que ressaltam as situações de violência física e sexual por elas sofridas. A própria situação de rua destas mulheres é frequentemente motivada pela fuga de casa por motivo de violência física e sexual na família de origem (Escorel, 1999).

⁸ Foram pesquisadas as bases de dados MEDLINE e EBSCO.

denominam *homeless*⁹ fazem com frequência o recorte dos *homeless youths*, segmento que inclui o adolescente de rua ou que vive em abrigos e se estende em alguns estudos até a faixa dos 20 anos. A bibliografia norte-americana indica também algumas peculiaridades entre jovens *homeless* em relação aos adultos mais velhos na mesma condição: são mais sujeitos ao uso de substâncias ilícitas, tem um número significativamente maior número de parceiros sexuais, são praticantes mais frequentes do “survival sex” (troca de atividade sexual por drogas, alimentos, abrigo ou dinheiro), são mais sujeitos a entrar no mercado da prostituição e se auto-identificam como LGBT em proporção maiores do que os *homeless* de outras faixas etárias.

A questão da diversidade sexual tem sido também pouco explorada nos estudos sobre população de rua, ainda que alguns destes cite as práticas homoeróticas como bastante frequentes nos albergues (De Lucca, 2007) e na vida nas ruas (Escorel, 1999; Frangella, 2004), embora observando que em grande parte das vezes tais práticas não estejam associadas a uma identidade homossexual por parte de seus atores.

Frente à necessidade de estudos específicos sobre estes segmentos da população de rua e às evidências apresentadas em pesquisas internacionais sobre jovens *homeless* LGBT - que mostram claramente que as exclusões de classe e de gênero se potencializam entre estes na comparação com os *homeless* como um todo, tornando-os mais sujeitos à violência física e sexual na família de origem e quando moram nas ruas, ao abuso de substâncias ilícitas e à discriminação por parte dos outros moradores de rua e da polícia - foi conduzida uma pesquisa de campo com o intuito de analisar a trajetória social de jovens com este perfil, em um albergue na cidade de São Paulo, buscando identificar os elementos que contribuíram para sua situação econômica atual. Nas entrevistas¹⁰, onze ao todo - sendo quatro com homens que se identificaram como “gays”, três com homens que se identificaram como bissexuais, duas com mulheres que se identificaram como lésbicas, uma com uma auto-identificada como travesti e uma com uma transexual - foram investigados seu histórico de relacionamento familiar, seu processo de escolarização e sua inserção no mundo do trabalho e analisado em que medida o rompimento com o padrão heteronormativo contribuiu para estarem em situação de rua.

⁹ O termo *homeless*, a exemplo dos termos utilizados no Brasil, tem definição distinta para diferentes autores. Em geral, porém, é mais abrangente que seus congêneres nacionais. O US Code define *homeless* como um indivíduo que não tem uma residência noturna fixa, regular e adequada ou que frequenta alguma das várias modalidades de abrigo oferecidas.

¹⁰ A pesquisa obedeceu aos princípios éticos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde

Os resultados da pesquisa referida (Costa et. al., 2010) mostraram que a maioria das pessoas entrevistadas sofreu preconceitos por parte da família de origem por serem LGBT, o que em alguns casos contribuiu para a saída precoce da casa dos pais. Com relação à esfera do trabalho, observou-se a orientação homossexual e a identidade transgênerica como elementos intensificadores das dificuldades para se conseguir e/ou manter o emprego, em especial nos casos de gays de estilo efeminado ou de lésbicas de estilo masculinizado. O preconceito na esfera escolar também apareceu nas entrevistas, ainda que referido de forma menos intensa e considerado como algo que não impediu a escolarização na maioria dos casos.

Além dos temas analisados nos objetivos previamente traçados, outros surgiram com uma intensidade tal que merecem ser trabalhados mais detidamente. Entre estes, aqueles que este estudo pretende focar: o do estilo de vida de jovens LGBT em situação de rua, em um contexto fortemente associado à violência e ao uso de drogas. Para a análise deste tema específico, enfocaremos três dos entrevistados, com idade entre 22 e 29 anos, que são descritos brevemente a seguir:

Rodrigo. Tem 29 anos. Foram feitas duas entrevistas com ele, com o espaço de um ano entre ambas. Não aparenta ser homo ou bissexual e foi indicado como um possível sujeito para a pesquisa por um colega do albergue. Na primeira entrevista, autoidentificou-se como bissexual, embora afirmasse ser “mais gay do que bi”. Morou com o pai até os 7 anos e em um orfanato dos 7 aos 18 anos, em Maringá, onde teve sua primeira experiência homossexual, com um funcionário dali. Após alguns anos trabalhando como segurança e em outras ocupações mal-remuneradas, namorando heterossexualmente e freqüentando igrejas evangélicas, passou a freqüentar o “mundo gay” de Maringá e começou a trabalhar como michê, com cerca de 22 anos. Pouco tempo depois mudou para Curitiba, onde foi trabalhar em uma casa noturna gay, momento em que começou a fazer uso constante de cocaína. Com 27 anos migrou para São Paulo, com a expectativa de trabalhar em casas noturnas. Lá chegando, foi assaltado e pro este motivo voltou a trabalhar como michê. A partir deste momento começou a usar crack e em pouco tempo passou à situação de rua, tendo recorrido a diversos albergues e dormido nas ruas às vezes. Chegou a se internar em uma comunidade terapêutica para usuários de drogas, mas não suportou a rigidez extrema do tratamento oferecido. É portador do HIV e do vírus da Hepatite B. Na segunda entrevista, realizada em uma instituição que dá apoio a homossexuais de baixa renda em São Paulo, mostrou-se com aspecto mais saudável. Estava há alguns meses sem usar crack e começou a trabalhar como agente comunitário em um programa para prevenção de HIV/AIDS junto à comunidade LGBT na região central de São Paulo. Atribuiu as mudanças em sua vida ao relacionamento afetivo

que passou a estabelecer com uma travesti, com quem estava fazendo planos de morar junto, e ao apoio oferecido pela instituição descrita.

Luciana. Tem 22 anos e foi indicada para participar da pesquisa por uma funcionária do albergue. Tem uma relação homoafetiva “assumida” com uma colega de albergue, com quem fica abraçada publicamente. Considera-se “homossexual” em termos de orientação sexual e “afrodescendente” em termos étnico-raciais. Considera ter interesses homoeróticos desde a infância e aos 14 anos “assumiuse” para a família e passou a adotar um estilo “mais masculino” de se vestir e comportar, que manteve depois. Foi criada pela avó na região central de São Paulo. Referiu discriminação por orientação sexual no ambiente de trabalho e na escola, onde cursou até o final do ensino fundamental. Aos 16 anos começou a usar crack, que considera ter sido o que “atrapalhou sua vida”. Seu consumo crescente levou-a, com o decorrer do tempo, a entrar em conflito com a família, levando-a a ser expulsa de casa. Nas ruas, chegou a praticar furtos e a fazer programas para obter dinheiro, quase sempre direcionado à compra de crack. Referiu ser discriminada nas ruas por ser lésbica, uma vez que isso para ela “atiça” o desejo dos homens, que passam a querer curá-la, levando-os a assediarem-na insistentemente. No momento da entrevista estava a três semanas no albergue, mesmo tempo em que estava se relacionando com a companheira descrita e que referia estar abstinente do uso do crack.

William. Tem 20 anos e foi indicado para ser entrevistado por um colega do albergue. Identifica-se como bissexual. Foi criado em Salvador e mudou-se para São Paulo aos 13 anos, com os pais e irmãos. Refere ter sido objeto de assédio moral na escola - estudou até o nível fundamental - por se relacionar afetivo/sexualmente com outros meninos. Aos 16 anos começou a utilizar cocaína e aos 18, crack, o que o levou a entrar em conflito com a família e a sair da casa dos pais, a última delas a 8 meses atrás. Tem um discurso rápido e confuso e conflitos em relação a aceitar seus desejos homoeróticos, que aparecem muitas vezes de forma crítica em seu discurso, algumas delas mostrando a incorporação de críticas de ordem religiosa.

Jovens LGBT de rua e estilo de vida nômade

As entrevistas revelaram o que foi por nós denominado como um estilo de vida nômade entre os jovens entrevistados. Perrot (2009), em sua análise da sociedade francesa do século XIX, mostra uma correspondência entre o modo de vida dos jovens - que se destacam provisoriamente de suas famílias - e a boemia dos artistas - que nela vivem permanentemente, mostrando tais vivências como

simetricamente opostas à da vida burguesa. Tais oposições se manifestam em relação ao seu tempo (noturno), ao seu espaço (ruas e bares), ao seu tipo de moradia (incerta) e a sua moralidade (não baseada na fidelidade) e podem ser utilizadas também para entendermos as trajetórias dos jovens LGBT aqui descritos.

Se considerarmos o tripé família, escola e trabalho como algumas das instituições socializadoras fundamentais dos indivíduos em nossa sociedade e que os indivíduos que manifestam sua homossexualidade de forma ostensiva podem ser colocados às margens ou mesmo expulsos indiretamente de tais instituições, podemos afirmar que tal processo leva a uma dissolução ou um enfraquecimento dos laços sociais que correspondem mais fortemente ao processo de sedentarização em nossa sociedade. Este processo é evidenciado em vários dos discursos dos entrevistados na pesquisa, como o que ocorre em relação às vivências escolares:

Porque eu nunca consegui uma turminha assim certa pra mim. Porque tipo, ou você se enturmava ou você ficava sendo zoadado na escola. Daí eu sempre tava querendo sair da escola. (William)

Escola era aquela história, Maria-João, né. Eu nunca gostei de ir à escola, muitas vezes eu brigava com os meninos fisicamente, tinha agressões físicas e trocas de ofensas e aquilo me deixava machucada porque na época eu não sabia se realmente... Porque assim, hoje eu sou mulher e gosto de mulher. Naquela época era muito confuso isso, eu queria ser homem ao mesmo tempo, fui brigar com eles, entende? Foi uma fase muito complicada, na pré-adolescência, dos dez aos doze anos, treze. (Luciana)

Em relação aos tipos de ocupações exercidas, podemos observar tanto a discriminação propriamente dita como o processo de atração exercida sobre estes jovens por parte das ocupações associadas ao universo homoerótico, onde poderiam expressar mais livremente sua homossexualidade¹¹:

Minha patroa falava: ‘Não vem igual a um homem, totalmente, mas pode usar a roupa que você quiser’ (Luciana)

Daí depois, no dia a dia, acabei se conhecendo se envolvendo, porque na rua lá aonde que eu trabalhava [como segurança] no centro, tinha o pessoal que andava de carro, e aí me pegava e eu acabei trocando o meu emprego normal, por esse mundo gay, saindo com pessoas no carro. (Rodrigo)

Recebi meu acerto e vim para cá [São Paulo]. Vim para cá com o objetivo de crescer, de fazer alguma coisa na vida, de trabalhar em casa noturna (Rodrigo)

O afastamento das instituições escolares e laborais acompanha de perto o afastamento das famílias de origem, algo que pode ser acentuado pela homofobia no contexto familiar, e o ingresso em grupos de amigos que compartilham os mesmos valores. Se o “grupo de amigos” é referido como um

¹¹ O exercício de ocupações associadas ao universo homoerótico, contudo, como observa Rubin (1999), não pode ser refletido em termos liberdade somente, uma vez que frequentemente tais ocupações são mal-remuneradas:

elemento básico na constituição das juventudes contemporâneas, isso parece se acentuar em jovens gays e lésbicas, pela própria necessidade de encontrarem um suporte para uma vivência tida como desviante. Abre-se espaço neste momento para vivências dionisíacas, associando-se o exercício da sexualidade ao uso de drogas:

Não, eu nunca fui muito de, não vou falar que eu nunca, eu fui assim, eu tinha uns relacionamentos loucos, mas não de fazer assim, era mais de beijos, esses negócios de balada. Eu fumava um e tava loução na balada, e na cachaça. Ai eu ficava muito louco com os meus amigos, e agente saia da balada (William)

Passa a haver para muitos jovens LGBT uma associação inversa entre este universo orgiástico e a “vida sedentária” relacionada ao tripé escola/família/trabalho: quanto mais se mergulha na vida nômade, mais difícil a manutenção das relações tradicionalmente vividas naqueles contextos:

Assim, pq eu comecei a conhecer a balada, esses negócio. Comecei a perder, tipo, comecei a ficar rebelde. (William)

O processo de envolvimento de jovens homossexuais com o uso de drogas não é um fenômeno especificamente brasileiro. Estudos norte-americanos estimam que a população LGBT têm uma propensão maior de abuso de drogas ilícitas, com um incidência de duas a três vezes maior se comparada à população heterossexual de mesma idade e faixa de renda (Bux, 1996 , Jordan, 2000). Para explicar tal tendência, três hipóteses são levantadas, todas elas compatíveis com o estudo por nós realizado. A primeira delas refere-se à maior tendência das pessoas LGBT em frequentar bares e boates como forma de busca por relações de amizade ou afetivo-sexuais, devido à situação de discriminação sofrida e dificuldade de aceitação por parte das famílias, o que facilitaria o uso abusivo de álcool e outras drogas, frequentes em tais espaços:

Eu comecei a trabalhar numa boate gay, fiquei um ano trabalhando e foi lá que eu conheci a cocaína. Daí eu me envolvi (...) Cheirando todo dia, porque fazia parte da rotina da noite, casa noturna, você sabe como funciona esse meio, né? (Rodrigo)

A segunda hipótese para explicar a associação drogas x homossexualidade relaciona-se ao estigma: a população LGBT utilizaria álcool drogas com maior frequência para mitigar o sofrimento pela discriminação sofrida ou como forma de diminuir a autocensura pela própria orientação sexual, em função da interiorização do estigma sofrido.

Entrevistador: Você virou um jovem rebelde, mas não tem nada a ver com seus problemas sexuais, ou sim?

William: Também, sabe? Porque ninguém pede, ninguém tem entendimentos, você vai ter o entendimento depois. Só que pra mim era uma coisa diferente, achava feio, sabe? Às vezes eu queria apagar da mente. Só que ai eu fui crescendo e fui mudando, sabe?

Finalmente a terceira hipótese propõe que a relação entre homossexualidade e uso mais freqüente de drogas estaria no padrão de rompimento com as normas sociais presente em ambos: uma vez rompendo-se com o ideal de normalidade heterossexual pressuposto nas sociedades ocidentais, passa-se a ocupar em alguma medida uma posição de “outsider” (Becker, 2008), o que facilitaria por sua vez o contato com outros “outsiders”, como os consumidores de drogas ilícitas, e atenuaria o receio de rompimento com padrões sociais que estigmatizam o uso de drogas. No caso dos entrevistados em nossa pesquisa, por exemplo, a posição de “ovelha negra da família” pela condição homossexual se soma à de usuário de drogas, levando ao rompimento do apoio familiar ao jovem LGBT:

Entrevistador: Vc acha que, vc saiu de casa por causa dos seus problemas com droga e tudo mais, mas se você fosse hetero, os seus pais teriam agido do mesmo jeito, ou você acha que teve uma diferença?

William: Então. Eu acho que sim, porque às vezes os pais não conseguem entender, porque não é uma coisa, que assim é normal aos olhos dos outros, porque só quem ta ali no mundo GLS que sabe como que é o bagulho, as pessoas que não tá, não consegue imaginar. Porque eu também, sei lá, uns negócios doidos sabe?

Jovens LGBT em situação de rua e violência

A violência é algo de difícil definição. Para Misse (1999), “não existe ‘violência’, mas violência múltiplas, plurais, em diferentes graus de visibilidade, de abstração e de definição de suas alteridades” (p. 38). Considera que o termo é representado como uma “idealidade negativa” que se opõe a outra, “positiva”, de paz, justiça, segurança e harmonia. Zaluar (2004) observa a multiplicidade de sentidos que foram dados ao conceito na produção de diversos cientistas sociais, mostrando que entre estes a violência foi definida como um instrumento que abdica “do uso da linguagem que caracteriza as relações de poder, baseadas na persuasão, influência ou legitimidade”, como “o não-reconhecimento, a anulação ou a cisão do outro”, como a “negação da dignidade humana”, como a “falta de compaixão”, como a “palavra emparedada ou o excesso de poder”, observando que

“em todas elas ressalta-se, explicitamente ou não, o pouco espaço existente para que se manifeste o sujeito da argumentação, da negociação ou da demanda, enclausurado que fica na exibição da força física pelo seu oponente ou esmagado pela arbitrariedade dos poderosos que se negam ao diálogo” (p. 239)

Se considerarmos tais observações, podemos concluir a respeito da onipresença da violência da violência na vida dos jovens pesquisados. Em cada um dos aspectos anteriormente analisados (relação com escola, família, trabalho, uso de drogas) podemos perceber suas conseqüências sobre suas vidas. No entanto, é importante ressaltar aqui formas específicas de violência que atingem este segmento, seja na vida nas ruas, seja no cotidiano dos albergues.

Não existem estudos disponíveis no Brasil acerca da vivência de pessoas LGBT em albergues. Na literatura internacional, contudo, há diversas referências às dificuldades enfrentadas por este segmento. Dunne, Prendergast e Telford (2002) mostraram que os albergues ingleses não são espaços considerados seguros por jovens LGBT. Muitos de seus entrevistados relataram que buscavam “esconder” sua homossexualidade para conseguir vaga nos albergues e se precaver da violência e discriminação por parte dos outros moradores. Os autores também observaram que os dirigentes das organizações para *homeless* com quem entraram em contato não achavam necessária uma atenção especial ao segmento LGBT dentro dessa população. Por este motivo, surgiram na Inglaterra organizações para *homeless* especializadas na assistência a jovens LGBT com problemas de moradia, geralmente dirigidas por pessoas ligadas de alguma forma ao movimento LGBT.

A realidade norte-americana é semelhante. Ammerman *et al.* (2004), Woronoff, Estrada & Sommer (2006) e Ray (2006) mostram que nos EUA são comuns ataques físicos e verbais a este segmento por parte de outros usuários dos albergues e abrigos e atitudes discriminatórias por parte das equipes destas instituições, que resultam no isolamento ou expulsão daqueles identificados como gays, lésbicas ou transgêneros. O caráter religioso de muitas das mantenedoras dos abrigos acentua ainda mais esta discriminação, uma vez que é freqüente a associação da homossexualidade como algo moralmente condenável em muitos discursos religiosos. A discriminação aparece de forma disfarçada em casos de serviços residenciais que barram a entrada de jovens LGBT sob a alegação de que esta seria uma forma de protegê-los dos outros moradores (Mallon, 1992). Frente a esta realidade, algumas organizações LGBT e outras voltadas aos *homeless* têm enfatizado a necessidade de combate à discriminação deste segmento nestes espaços. Iniciativas como albergues e serviços residenciais específicos para *homeless* LGBT vem sendo também desenvolvidas em algumas grandes cidades norte-americanas, como New York, Detroit e Denver (Ray, 2006).

Em nosso estudo, várias das dificuldades relatadas nas pesquisas internacionais com referência às discriminações sofridas em albergues foram verificadas. O albergue onde o estudo foi conduzido, entretanto, foi referido como um local de acolhimento por parte dos jovens entrevistados, o que certamente se relaciona ao fato da equipe de profissionais dali ter recebido um treinamento específico

para lidar com a diversidade sexual. Mesmo assim, no entanto, apareceram referências a violência da parte de outros usuários:

Ela [companheira] é feminina, bem feminina. Então tem muitos caras que dão em cima dela. Ele tava dando em cima dela, mas até aí eu sei que ela não gosta de homem, ele começou a dar beijinho no rosto dela na minha frente, começou a dar abraço forte. Eu não gostei, eu cheguei e falei: ‘olha, é minha mulher, eu sou mulher dela, e eu não estou gostando disso. Ela já te falou’, porque ela já tinha falado para ele que não era legal, que já estava sendo além da conta e ele não parou. Eu fui falar com ele, e aí chegou um momento que ele conseguiu um emprego e ia morar no emprego. No dia que ele estava indo embora, lá no bagageiro, todo mundo mexendo nas suas malas, ele chegou, deu um abraço nela e apertou por trás, saiu fora. Eu não vi porque eu estava de costas, mexendo na minha mala também. (Luciana)

No caso das vivências nas ruas, a ética parece ser a da discrição em relação à orientação sexual, como forma de evitar possíveis formas de violência.

Os homens gays que eu conheço, tanto os que estão em albergue quanto os que estão na rua é próxima, todo mundo sabe que são, mas eles são muito na deles. Não tem essa de ficar abraçando pessoas, como o casal hetero. (Luciana)

Nos discursos relatados, porém, ficou clara uma diferenciação entre a violência dirigida a homossexuais masculinos e femininas, o que parece acompanhar a especificidade da violência sofrida por mulheres em situação de rua observada em outros estudos. Vieira *et al.* (1992) e Cezimbra (2001) descrevem os riscos de abuso sexual a que as mulheres estão submetidas nas ruas, em função de seu menor número e do relacionamento interpessoal frequentemente violento entre os que ali vivem. Muitas, por este motivo, buscam um companheiro que as defenda do assédio dos demais. Varanda e Adorno (2004) observam que no cotidiano nas ruas é freqüente a “troca” de sexo por algum tipo de favor ou benefício por parte das mulheres. Escorel (1999) ressalta a existência de grupos de pessoas em situação de rua onde uma mulher é “compartilhada” sexualmente por vários homens. A vulnerabilidade das mulheres à violência sexual nas ruas é aumentada também pelo uso freqüente do álcool, que dificulta o poder de reação frente a situações de violência. Além destas formas específicas de violência, as mulheres lésbicas sofrem outras, relacionadas a um fetiche ou desejo masculino por “correção” da homossexualidade feminina;

Entrevistador: E como é ser homossexual na rua?

Luciana: É bem mais complicado.

Entrevistador: Por quê?

Luciana: Bom, no meu caso é a famosa sapatona, então muitos homens têm essa tara de sair com mulheres homossexuais masculinas, não é nem femininas, porque tem aquela coisa de você não ser mais mulher. Então muitas vezes eles acabam por efeito de drogas, efeito do próprio álcool, acabam se tornando meio agressivos nas palavras, alguns até tentam fazer alguma coisa, isso acontece.

Entrevistador: Você chegou a ter tentativa de abuso, mesmo?

Luciana:Cheguei, várias vezes.

Entrevistador: Só de beijo, ou de estupro, mesmo?

Luciana: De estupro mesmo.

Entrevistador: E você conseguiu se livrar? Pode falar sobre isso?

Luciana: Então, eu sempre andava com uma faca na rua e sempre andava com amigos homens que eram amigos mesmo.

Entrevistador: Deixa eu entender: você acha que se fosse uma mulher hetero a tentativa de abuso não seria tão grande?

Luciana: Em alguns dos casos, não.

Entrevistador: Mas por quê? Você acha que queriam que você virasse hetero?

Luciana: Porque os homens na rua são mais estúpidos. Eu já tive namorado, e passei por alguns homens, mas assim, não cheguei a ir para a cama, só por tentativa para ver se eu conseguia ser diferente. Na rua os homens são mais grosseiros ainda, a grande maioria deles.

Tais resultados da pesquisa evidenciam a necessidade de intervenções específicas voltadas à prevenção da homofobia junto aos serviços sócio-assistenciais voltados ao atendimento das necessidades da população de rua, como os Centros de Acolhida (albergues), os Abrigos, as Casas de Convivência.

Referências

AMMERMAN SD, ENSIGN J, KIRZNER R, MEININGER ET, TORNABENE M, WARF CW, ZERGER S, POST P. (2004) Homeless Young Adults Ages 18–24: **Examining Service Delivery Adaptations**. Nashville: National Health Care for the Homeless Council, Inc.

BECKER, H. S. (2008) **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Zahar.

BRASIL (2009) **Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm [13 out 2010]

BUX, D.A. (1996) The epidemiology of problem drinking in gay men and lesbians: a critical review. **Clin. Psychol. Rev.** 16 (4), p. 277–298.

CEZIMBRA. L M L (2001) Mulheres de rua e as particularidades que revelam o feminino. In: GROSII, P. K e WERBA, G. C. **Violência e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p 117 -128

COSTA, A. C. S; PASCOAL, B. T. M.; SALGADO, F. M. M.; GARCIA, M. R. V. ; PAIVA, V. S. F. (2010) Trajetória de vida e sociabilidade entre a população LGBT em situação de rua de São Paulo. In: **Anais do I Seminário Violar**. Campinas : UNICAMP.

DE LUCCA, DI. (2007) **A rua em movimento - experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua**. Dissertação (Mestrado) em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo

DUNNE, GA, PRENDERGAST, S., TELFORD, D (2002). Young, gay, homeless and invisible: a growing population? **Culture, Health & Sexuality**, 4 (1):103-15.

ESCOREL, S. (1999) **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

FRANGELLA, SM. (2004). **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. Tese (Doutorado) em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

JORDAN, K. M. (2000) Substance abuse among gay, lesbian, bisexual, transgender, and questioning adolescents. **School Psychology Review**, 29, p. 201-206.

MALLON, G. P. (1992). Gay and no place to go: Assessing the needs of gay and lesbian adolescents in out-of-home care settings. **Child Welfare** 71(6).

META Instituto de Pesquisa de Opinião (2008). **Relatório Final do Primeiro Censo Nacional e Pesquisa Amostral sobre a População em Situação de Rua**. Porto Alegre.

MISSE, M. (1999) **Malandros, marginais e vagabundos: Acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado em Sociologia. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro.

PERROT, M. (2009) Maneiras de morar. In ARIÉS, P. & DUBY, G. (orgs.) **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4**. São Paulo: Cia. das Letras, p. 284-302

RAY, N. (2006). **Lesbian, gay, bisexual and transgender youth: An epidemic of homelessness**. New York: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute and the National Coalition for the Homeless.

RUBIN, G. (1999) Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexuality". In Parker, Richard & AGGLETON, P. **Culture, society and sexuality - a reader**. London, Taylor&Francis.

VARANDA, W. e ADORNO, RCF. (2004) Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade** 13(1): 56-69.

VIEIRA, MAC. ; BEZERRA, EMR; ROSA, CMM; DIAS, CJM. ; SALDANHA, E. ; BELLINI, E.MB; BELTRAME, IL; SILVA JR, I ; BROIDE, J; GARCIA, MRV; YASBEK, MC; RANGEL, MCS; WANDERLEY, MB; HERNANDES, R.V (1992). **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: Hucitec.

WORONOFF, R; ESTRADA, R; SOMMER, S (2006) **Out of the Margins A Report on Regional Listening Forums Highlighting the Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Questioning Youth in Care**. Washington, DC: CWLA, Inc. and Lambda Legal, Inc.

ZALUAR, A. (2004) **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV.